Acabou a solidariedade. Agora é cada um por si e Deus contra todos

Terminou a mostra competitiva do Festival. E agora José?

Este é, sem dúvida, um festival raro. Nunca se viu safra tão ruim. Excetuando **O Homem do Pau-Brasil**, de Joaquim Pedro e os curtas **Aqueles Que...** de Miguel Rio Branco, **Um Sorriso por Favor**, de José Barros e Meow, de Marcos Magalhães, nada de novo nos céus do Brasil. Festival é palco/espço de propostas novas. Se não for assim, não faz sentido. Mostrar filmes descaradamente comerciais, que não trazem nenhuma contribuição estética é, no mínimo, um equívoco. Se a comissão de seleção tivesse se orientando por um critério eclético, ou seja, um filme de cada vertente do cinema nacional (um do "cinemão", uma pornochanchada, um dos marginais, um documentário, um documentário/ficção, um experimental, etc) a proposta seria questionável, mas interessante e instigante. O festival serviria como mostruário do que produz a indústria cinematográfica brasileira. Mas a proposta posta em prática não é essa. O júri que seleciona os filmes busca "os melhores". E dessa vez, com as exceções feitas acima, a seleção buscou mais o joio. Faltou trigo. (Vale ressaltar que isso se acentua mais com os longas. Os curtas, que deviam ser mais renovadores, mais inquietos, não se comportaram assim; mas são produções de média criatividade, que não comprometem o Festival).

Há no júri, pessoa de rara sensibilidade e mordacidade crítica. Quando nos encontramos, ela (pessoa) comenta: só pode dar **O Homem do Pau-Brasil**, o resto é o resto. No campo do curta, a grande renovação está com **Aqueles Que...** Impressionante. O filme do Goeldi também é ótimo, mas igual ao do Pelourinho tá difícil. Sobre **Xingu Terra** comentou sinteticamente: é o índio visto a la Jean Manzon. Mas sua melhor definição está para **Asa Branca**: vai render rios de dinheiro. É o filme que Médici encomendou e chegou com 10 anos de atraso...

Uso os rápidos e hiper-sintéticos comentários desta pessoa, porque os vejo como de imensa lucidez.

E acrescento que a emoção que me causou **Aqueles Que**, com suas cores barrocadas, com seus corpos dilacerados, lembrando pinturas dos clássicos, suas fotos paradas e carregadas de profunda poesia, sua trilha sonora misturada e forte, a metáfora de suas cicatrizes!... Há muito nosso cinema não mostrava coisa tão bela. Quem não se emocionou com o filme precisa dar um tempo e buscar as causas. Afinal, achar (como achou um amigo) que o filme não tem nada de novo, que apela para o grotesco, é fazer uma leitura superficialíssima. É se negar a compreender a poesia e o estado de cúmplice, da câmera, este olho eletrônico que transformou a gente sofrida do Pelourinho/Bahia em atores naturais, de uma espontaneidade que até desconcerta o espectador. O ato sexual registrado pelo olho eletrônico é de uma

força rara e estranha. E está no filme um manifesto negro. A Bahia negra, sem dandê e outros temperos. Não há um corpo branco. Todos são mulatos e negros, muito negro. E faço a minha cabala: o maior curta do festival é este. Se a fotografia do filme é linda, ela encontra concorrente apenas na de **Um Sorriso por Favor**, simplesmente magistral.

De **Meow**, para quem também cabalo votos, só resta dizer que é um dos mais inteligentes experimentos brasileiros na área do desenho animado. Um cineasta, depois de assistir **Tom e Jerry** e seus milhões de irmãos, ainda ter capacidade para fazer um curta descolonizado e descolonizador, merece prêmio, porque é muito bom. Um antropófago, no melhor sentido da palavra.

E por falar em antropofagia, cabalo o último voto para o antropófago Joaquim Pedro de Andrade. Confesso que irei ao cinema ainda umas quatro vezes para deglutir **O Homem do Pau-Brasil** (diz a mesma coisa com **Macunaíma**), mas já adianto que o filme me deixou atordoada. Cinema que se preza, não deve dar tudo mastigado para o espectador. Arte que não leva à reflexão, não é arte. Muita gente criticou o filme, disse que não entendeu nada, e coisa e tal. Filme que a gente entende com a primeira leitura não merece ganhar festival. Pode ser feito (direito elementar) mas só que não deve ganhar Festival. Festival, vale repetir, é o espaço da renovação, dos filmes inquietos, diferentes do ramerrão do dia-a-dia.

CORO DOS CONTENTES

E por falar em renovação, temos que lembrar que os dias atuais não estão gestando idéias muito renovadoras. Afinal, a discussão cultural anda num nível primário. As entrevistas dadas pelos cineastas (longa e curta-metragistas) à imprensa brasileira - que vem sendo desancada prima pelo superficialismo e primarismo. Nada de novo é colocado. Chega-se ao nível do diretor elogiar a Embrafilme que está sendo malhada injustamente e, pasmem-se, a Fundação Cultural do DF. Não conhecem a cidade, nunca freqüentaram seus teatros, nunca foram impedidos de usar um auditório, e vêm defender a Fundação. Ai não dá. Por que não discutem temas do qual têm algum conhecimento? Defender a Embra, todo mundo defende. O que está em jogo não é a empresa, e sim, a sua administração. O cineasta que defendeu a "nave-mãe do cinema brasileiro", há poucos anos atrás se sentia discriminado, chorava com os filmes na prateleira. Agora, entra para o coro dos contentes porque a Embra está investindo alguns milhões na publicidade de seu filme. Isto é que é ter uma diminuta reflexão sobre o momento cultural.

Até agora, não brotou nenhuma idéia inteligente no Festival. Se brotou, ela foi engolida com saliva e

pode até ter saído nas fezes de seu criador. Não houve debate de nenhuma espécie. (Hoje, na UnB, estão convidando atores e atrizes, diretores e diretoras, técnicos e técnicas, críticos e críticas, produtores e produtoras, etc, para debater os curtas e longas concorrentes. Vamos ver quem está interessado na discussão de idéias).

ENGRAÇADINHA

A polêmica que envolveu o filme **Engraçadinho**, e que gerou muito desamor, está a merecer algumas reflexões. De início, motivados por uma crítica estrelada (uma estrela) de Clóvis Marques, do **Jornal do Brasil**, cineasta, professores, cineclubistas e críticos radicados em Brasília questionaram a exclusão do filme **O Homem de Areia**, de Vladimir Carvalho, do Festival, quando ele era substituído por um filme que ganhava uma estrelinha só. (Se naqueles dias, os brasilienses tivessem visto **Asa Branca** e **Xingu Terra**, teriam ficado ainda mais exaltados).

Depois da rebelião emocional das pessoas que agitam a vida cultural da cidade, os acontecimentos tomaram novo rumo. Nas páginas do mesmo Caderno B do JB, sai publicada longa e lúcida carta de Sérgio Santeiro, presidente da ABD-Rio, onde ele desancou a crítica cinematográfica brasileira, através da figura de Clóvis Marques. (Um artigo/carta maravilhosos). A carta saiu no sábado. Na segunda-feira, o JB entrevistou Haroldo Marinho, diretor de **Engraçadinho**. Novos elementos foram anexados ao debate. Manhã destas, liga do Rio, o cineasta Paulo Thiago, produtor de **Engraçadinho**. E foi direto ao assunto:

- Você, como pessoa inteligente que é, já que coordena o caderno cultural do **Correio** deve compreender que o que o jornal está fazendo com meu filme é um absurdo. É a primeira vez que vejo dois críticos criticarem um filme que não vieram.

E Thiago acrescentou outros dados, falou de sua apreensão com o momento, já que a crítica se fecha cada dia mais no poder de suas colunas etc. No dia seguinte deu entrevista ao jornal. Colocou pontos importantes, outros profundamente questionáveis (dizer que a abertura só chegou às editorias de política e economia é um equívoco. Se existe alguma abertura na imprensa brasileira, ela está, apesar dos pesares, nos cadernos culturais).

Disso tudo, fica uma certeza: é preciso abrir a discussão cada vez mais. E peço a Salviano Santiago emprestanda uma idéia: "acabou a fase da solidariedade". Com a história das patrulhas ideológicas virou moda se xingar a xis ou ipisilon. Infelizmente, quem rebate críticas usa da mesma linguagem autoritária de quem o criticou.

Vamos, pois, todos nós, ao debate hoje na universidade. Quem sabe lá...

Maria do Rosário Caetano